

CÁ ESTOU mais uma vez em meio ao vazio. Lá embaixo, o Atlântico mergulhado na majestade do silêncio. Estou num Jumbo que rasga o céu a mil quilômetros por hora e a 35 mil pés de altitude.

Minha relação com aviões tem a tara de tudo que é infantil. Meu pai, que quando nasci era capitão médico da Aeronáutica, me levava pra voar ainda muito pequeno nos aviões da FAB.

Aqui, você se sente ao mesmo tempo o criador do avião (na medida em que se trata de uma invenção humana) e também sua vítima in-

inheiro, mas que também se trai na aula pelo corpo, pela saúde, pela vida, pela felicidade. Um câncer que destrói a alma cujo corpo a avareza tenta "preservar".

A luxúria que, em sua obsessão pelo gozo sexual, muitos hoje em dia diotamente assumem como uma forma de redenção, transforma-nos em um objeto mudo. Quem apenas "faz" sexo sabe o quanto o corpo "gostoso" pode ser feio.

A ambição em sua cegueira pelo sucesso que faz da felicidade uma obsessão. E a inveja em sua tensão doentia da vontade, que deseja tudo que os outros têm, destruindo o valor de tudo que temos, fazendo de nós uma espécie de zumbi sem fim.

Enfim, o nada lá fora, o nada aqui dentro. Ao meu redor, todos dormem, mas eu estou de vigília. A turina ao meu lado.

onde.folha@uol.com.br

MANHÃ NA ILUSTRADA:
João Pereira Coutinho

MÚSICA

O sol sobre o pântano

LUIZ FELIPE PONDÉ



Ricardo Cammarota

mem técnico, majestade máxima de sua fragilidade. Os olhos do nada acompanham de perto o avião no seu deboche da lei de Newton. Uma maravilha que carrega a majestade da morte em sua elegância.

No escuro, com a pequena luz que me cabe neste silêncio, leio Georges Bernanos. Se você é uma alma como eu (que pressente o pecado como sua substância), e nunca leu Bernanos, leia.

Aliás, antes que um desses inteligentinhos pense "oh, como este colunista é dominado pela moral católica retrógrada da culpa" ou "pela ideologia burguesa da vergonha", não perca seu tempo, desista de me salvar. Sua "salvação" é comparável às emoções de uma bela adoradora.

Sinta-se liberto do inferno onde vivo. Dois minutos na sua companhia, eu dormiria de tédio. O "bem" na sua face "social" é um tédio como o gosto de uma alface. A beleza do Bem começa no seu respeito pelo



Mal e no destino único que os une: os tormentos da liberdade. Um com o perfume da esperança, o outro com o hálito do vazio. O pecado é no fundo uma paixão pela aniquilação de si mesmo, ainda que se disfarce de desejo de "gozar a vida".

Esses "bons moços" de hoje em dia nada entendem do ser humano, e por isso tiram de nós nossa única dignidade: a luta interior contra nós mesmos.

Sou um medieval, graças a Deus. Não acredito no homem, e muito menos em mim mesmo.

Mas lembre-se, inteligentinho:

O ceticismo em mim é um produto do cérebro réptil, tão automático quanto a inspiração e a expiração

sou um niilista, não veja em mim um velho seminarista assustado (que não sou). Entre você e eu, é você que teme o Mal, eu sei que sou feito de sua substância mais íntima. E você, no fundo, se acha "do bem", e aí reside sua mais pura miséria.

Meu Deus, como sou fraco!

A habilidade de pensar em mim não é uma virtude intelectual, mas

O pecado, por sua vez, me parece ainda a melhor ferramenta pra nos conhecermos.

Voltando a Bernanos, em seu maravilhoso "Sob o Sol de Satã", editado no Brasil pela É Realizações, o autor, num dos seus grandes momentos, descreve quatro pecados essenciais e "seus efeitos", por assim dizer (traduzo livremente da edição francesa da Plon de 1968):

"O avaro corroído pelo seu câncer, o luxurioso como um cadáver, o ambicioso tomado por um único sonho, o invejoso que está sempre em

um vício de temperamento que pode parecer uma ética do "amor ao conhecimento", mas que na verdade não passa de um gosto maníaco por ver como o pensamento disseca a realidade a serviço do nada.

O ceticismo em mim é um produto do cérebro réptil, automático, como a respiração.

Tomo emprestado a imagem, muitas vezes usada pra descrever a obra do grande Nelson Rodrigues, como título dessa coluna: "um sol sobre o pântano", sendo o pântano nossa alma, e o sol (muitas vezes demoníaco), o gosto de olhá-la nua.

MÚSICA

Banda financia CD com doação de fãs

DE SÃO PAULO - A Banda Mais Bonita da Cidade arrecadou que quiser para ajudar com um projeto cultural escolhido.

MÚSICA 2

Estreia do Clash completa hoje 35 anos

DE SÃO PAULO - No dia 4 de julho de 1976, o grupo abriu o mês depois, Joe Strummer entrou para a banda e fez a dife-

F FOLHA.com

CAPA

Leia a íntegra da entrevista